



<https://doi.org/10.51880/ho.v28i3.1615>



## As memórias dos pioneiros

Igor Vinicius Silva Pirola\*

ORCID iD 0009-0003-2697-7741

Universidade de São Paulo, Escola de Artes, Ciências e Humanidades, São Paulo, Brasil



MATTOS, David José Lessa (Org.).  
Pioneiros do Rádio e da TV no Brasil. v. 1.  
2. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2024.

---

\* Graduado em Rádio e TV pela Faculdade Cásper Líbero, pós-graduado em Gestão e Produção Executiva de Televisão pela Fundação Armando Alvares Penteado (FAAP) e mestrando no Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP), com orientação do Prof. Ricardo Santhiago. E-mail: igorpirola@gmail.com.

*Pioneiros do Rádio e da TV no Brasil - Volume I* apresenta ao leitor uma coletânea de entrevistas com profissionais que participaram do surgimento da televisão no Brasil e que atuaram em emissoras de rádio e televisão entre as décadas de 1940 e 1960. O livro é fruto da iniciativa da advogada, escritora e atriz Vida Alves, que realizou e registrou em vídeo cerca de cem entrevistas com diversos artistas e profissionais do meio. O objetivo principal da coleta dessas entrevistas foi documentar a história do início da TV em nosso país, o que deu origem à Associação dos Pioneiros, Profissionais e Incentivadores da Televisão Brasileira (Pró-TV). As conversas realizadas no final da década de 1990 foram transcritas, reunidas em DVD e atualmente integram o acervo do Museu Brasileiro de Rádio e TV (MBRTV).

A iniciativa de organizar e editar tais conversas em formato de livro partiu do ator e historiador David José Lessa Mattos, que atualmente é professor aposentado do Instituto de Artes da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Não é mencionado na obra como se deram as negociações para a adaptação, em formato de livro, de parte desse acervo de entrevistas de Vida Alves. A organização dos depoimentos foi dividida em dois volumes, sendo o primeiro – objeto de análise dessa resenha – com as entrevistas dos profissionais: Álvaro de Moya, César Monteclaro, Dias Gomes, José Bonifácio de Oliveira Sobrinho (Boni), Lima Duarte, Marcos Rey e Walter Avancini.

O livro é dividido em dez partes, sendo uma apresentação, relação dos depoimentos, sete capítulos com as transcrições das entrevistas (um capítulo para cada entrevista) e, ao final, um índice onomástico. Encontra-se na publicação pelo menos uma centena de fotografias, distribuídas na abertura e encerramento de cada entrevista. As imagens são em preto e branco, retratando os entrevistados no desenvolvimento de suas atividades profissionais, na infância, na adolescência, com a família, esposas, em momentos de lazer e viagens. Cada abertura de capítulo conta com um retrato do depoente no momento da realização da entrevista e pode-se concluir, pelas legendas dessas imagens, que todos os depoimentos desse primeiro volume foram registrados nos anos 1998 e 1999 nas cidades de São Paulo e do Rio de Janeiro.

A obra é, assim, composta exclusivamente pelas transcrições das entrevistas, incluindo tanto as perguntas quanto as respostas dos profissionais. As respostas são, em sua maioria, extensas, enquanto as perguntas, mais objetivas. Em diversos momentos, a entrevistadora não formula uma pergunta completa, mas apenas sugere o tema a ser abordado. Um exemplo disso ocorre na entrevista com Dias Gomes, quando Vida Alves propõe: “Então, vamos falar sobre teatro” (p. 73). Além disso, em alguns comentários, percebe-se que a entrevistadora emite opiniões não apenas de cunho profissional, mas também de cunho pessoal sobre os entrevistados. Vida Alves, por exemplo, comenta sobre aspectos físicos de César Monteclaro e na sequência se utiliza de opiniões pessoais que direcionam a formulação de perguntas de caráter profissional.

(Vida Alves) E esse rapazinho magro, por excelência...

(César Monteclaro) Feio...

(Vida Alves) Não tão bonito...  
(César Monteclaro) Não, pelo contrário...

(Vida Alves) Tinha um coração cheio de arte e uma vontade muito grande de trabalhar na rádio. Foi assim? (Mattos, 2024, p. 46).

Percebe-se uma certa intimidade da entrevistadora com seus entrevistados. Vida Alves deixa transparecer, em momentos como esse, sua amizade com os colegas de profissão. Tal estratégia de entrevista pode deixar o texto mais fluido e informal nos primeiros momentos, mas ao longo da leitura chega a tirar o foco da temática principal das entrevistas.

Para pesquisadores de História Oral e Comunicação, as entrevistas transcritas trazem leituras interessantes da história de nosso país e as relações com o teatro, rádio e televisão. Dias Gomes evidencia detalhes da proibição de suas peças de teatro durante a ditadura militar.

Quando veio o golpe militar, em 1964, a própria realidade brasileira passou a ser considerada como um tema em si mesmo subversivo. Para os militares no poder, questionar a realidade brasileira significava questionar o regime. Então, evidentemente, nós, que fazíamos esse tipo de teatro, fomos banidos, fomos considerados inimigos públicos do regime. Depois disso, vieram as proibições de nossas peças e a imposição, por parte da ditadura militar, de um modelo de teatro que não questionava nada e por isso mesmo, não incomodava. Foi assim que os militares acabaram com um importante surto de dramaturgia surgido justamente nos melhores anos do nosso teatro, que foram os anos 1960 (Mattos, 2024, p. 73).

A edição das entrevistas traz detalhes da história de nosso país, e também aspectos e curiosidades da própria história da televisão brasileira. Deixando assim, o tema mais atrativo para os leitores, como detalhado por Boni.

(Vida Alves) Foi lá que, pela primeira vez, um programa de televisão entrou no ar na hora marcada, não foi?

(Boni) Exatamente. Na TV Excelsior, o programa entrava no ar na hora marcada e tinha um determinado tempo de duração. Os programas podiam ter cinquenta minutos ou duas horas de duração, mas todos tinham hora certa para começar e para acabar. Naquela época, consegui levar para lá o Túlio de Lemos, o Walter George Durst, o Tarcísio Meira, a Glória Menezes e vários outros companheiros que me acompanharam, depois, na TV Globo (Mattos, 2024, p. 88).

Estudantes e pesquisadores em início de carreira conseguem, de modo geral, obter uma visão ampla sobre o surgimento e as primeiras décadas de funcionamento da

televisão brasileira ao lerem *Pioneiros do Rádio e da TV no Brasil - Volume I*. No entanto, a seleção de entrevistas restrita a profissionais do sexo masculino e a determinados cargos dentro das emissoras, como diretores, autores, roteiristas e atores, revela um recorte específico da história dos meios de comunicação. A inclusão de perspectivas mais diversas – como as de mulheres e de integrantes dos setores técnicos – poderia ter conferido maior pluralidade e abrangência aos conteúdos apresentados. No segundo volume da obra, o organizador selecionou as entrevistas com Aberlado Figueiredo, Antônio Seabra, Enéas Machado de Assis, José Blota Junior, Lia de Aguiar, Murilo Antunes Alves e Tatiana Belinky. Esse processo de seleção – de um acervo de aproximadamente cem depoimentos – não é explicado ou mencionado nas publicações. A inclusão de duas vezes femininas no volume seguinte demonstra uma preocupação com a diversidade de gênero, mas não chega a ser relevante, uma vez que David José Lessa Mattos não problematiza a questão da diversidade no decorrer dos capítulos. Integrantes dos setores técnicos também não estão representados no livro *Pioneiros do Rádio e da TV no Brasil - Volume II*. Para leitores que já possuem familiaridade com o tema, a publicação pode parecer simplificada e objetiva, uma vez que não apresenta análises aprofundadas e reflexões críticas sobre os temas abordados nas entrevistas.

A apresentação do livro não é assinada, mas o leitor consegue supor que o próprio organizador da publicação, David José Lessa Mattos, seja o autor do texto. O primeiro capítulo limita-se a descrever a viabilidade do projeto, citar os apoiadores, obras de referência e o histórico da concepção da publicação. Ainda nas páginas iniciais, o organizador comenta brevemente sobre a entrevista de Lima Duarte, o que pode despertar o interesse do leitor por uma análise mais detalhada e interpretativa, que, no entanto, não se desenvolve ao longo da obra.

Realmente, como traduzir para o leitor, por exemplo, toda a eloquência de um ator como Lima Duarte? Como exprimir num texto todo o brilho e colorido do seu linguajar espontâneo, de seu modo particular de conduzir a fala, muitas vezes imprimindo à frase um significado diferente apenas pela alteração do tom de voz ou pela utilização de algum artifício teatral - que ele tão bem conhece -, como a introdução na narrativa de pausas estratégicas acompanhadas de certas expressões faciais? (Mattos, 2024, p. 11).

Nesse sentido, uma estratégia editorial que poderia enriquecer a obra, especialmente no que tange à proposta de “tradução” mencionada pelo próprio organizador, seria a inserção de textos introdutórios em cada capítulo. Esses textos poderiam contextualizar as entrevistas, descrever aspectos não verbais – como expressões faciais, gestos e entonações – e oferecer subsídios para uma leitura mais crítica e interpretativa dos depoimentos. Tal abordagem contribuiria para uma experiência de leitura mais dinâmica e permitiria ao leitor uma aproximação mais sensorial e reflexiva em relação às falas desses pioneiros dos meios de comunicação.

De forma geral, a obra consegue contribuir para o campo da História Oral ao reunir depoimentos de profissionais que vivenciaram os primeiros momentos do rádio e da televisão no país. Para o autor Alessandro Portelli (2001), a história oral pode ser considerada como a interpretação de eventos através da memória.

A história oral, então, é história dos eventos, história da memória e história da interpretação dos eventos através da memória. A Memória, na verdade, não é um mero depósito de informações, mas um processo contínuo de elaboração e reconstrução de significado (Portelli, 2001, p. 18).

Neste sentido, por meio da escuta e da valorização das memórias individuais, o livro tende a estabelecer uma relação dialógica entre a entrevistadora e os entrevistados, na qual a experiência subjetiva contribui para a produção de conhecimento histórico e reafirmação da memória coletiva.

Os testemunhos reunidos no livro constituem parte de uma memória coletiva dos primórdios do Rádio e da TV no Brasil. Ainda que cada depoente traga suas próprias experiências, quando reunidos, os relatos se complementam e oferecem uma visão mais ampla sobre o desenvolvimento das emissoras. Com uma organização mais estruturada e detalhada, o livro poderia contribuir ainda mais para a preservação não apenas das memórias individuais, mas também para a formação de um legado comum que ajudasse a compreender alguns aspectos sociais e culturais desse período da história dos meios de comunicação do país.

## Referências

MATTOS, David José Lessa (Org.) *Pioneiros do Rádio e da TV*. v. 1. 2. ed. Cotia: Ateliê Editorial, 2024.

PORTELLI, Alessandro. *A história oral como arte da escuta*. São Paulo: Letra e Voz, 2001.

Recebido em 14/07/2025

Versão final reapresentada em 10/08/2025

Aprovado em 16/12/2025

**Fonte de financiamento:** nada a declarar

**Conflito de interesses:** nada a declarar